

O triunfo dos "mais fortes,"

Agora! sim. Agora é que a coisa corre. Os nossos bondosos, os nossos ciosos patrioteiros, já podem bater as palmas até deslocarem os dedos. A «memorável» sessão parlamentar de segunda-feira fez-lhes a vontade, encheu-lhes as medidas. Deputados e senadores, no meio de gestos arlequinescos e oratórias inflamadas, votaram, á uma, a participação de Portugal na conflagração europeia. O pigmeu tornou-se gigante. A aliança da panela de barro com a panela de ferro produziu os frutos tam ardentemente desejados. Venceu a turba dos aguerridos.

Doravante ninguém poderá afirmar, nem ao de leve, que Portugal foi ingrato, que Portugal desempenhou o tristíssimo papel de *amarelo*. Não senhores. O gesto significativo dos «desinteressados» pais da pátria, colocou-o no ponto mais culminante da História. No capítulo chacinha, massacre, violação, incendio, lá lhe caberá uma página suberba, uma página gloriosa, uma página indelevel. E ante esse espectáculo, as musas, com certeza, vão espelhar: — os poetas hão de cantar suas estrofes variadas e bombásticas, os clássicos hão de deservir-lhe suas inesquecíveis e inimitáveis qualidades guerreiras; e os músicos, de charanga ou de tuna, hão de entoar-lhe himnos marciais, cheios de entusiasmo e alma... O sangue vertido requer alegria, embora forçada, para não recordar tristuras e lágrimas.

O burgueses pantafazado e velhaco, o capitalista vermelho e cambaio, o financeiro agiota e hipócrita, o plúmbeo que por abusa as gazetas diárias e que por isso leva *rasca na assadura*, podem portanto, rejubilar-se, podem mesmo sorrir-se. A ocasião é única, excepcional. As guerras modernas não se fazem para arruinar os ricos. Destarte, os lucros e os interesses de toda a casta parasitária vão aumentar, mas aumentar prodigiosamente. A custa do sangue proletário? Que importa? A morte é uma natural transformação da vida. E os proletários nem que deixem, nessa horrível sangocira, a sua carcassa, não faz mal. Há por cá muito disso; há os por cá talvez em demasia...

Acima de tudo está a «glória» da Pátria. Os lances guerreiros dos tempos idos nunca devem desmentir-se. Por isso os Leões do Rego mais os André Brun, vão agora dar voltas á moleira para conduzirem o paiz á «victória».

— Aquilo é que são homens decididos, ouve-se dizer á chusma dos patriotas escadotes... No género há muito poucos. E' péua. Lá por considerarem as greves como movimentos antihumanos e o amolgamento de costelas dos traidores á causa da emancipação social, como actos da mais pura e condenável violência; lá por entenderem que as reivindicações proletárias e as ideias de paz, bem estar e felicidade são utopias irreaisáveis, produto de sonhadores e visionários, de loucos e desvaireados, não se poderá d'ali inferir que sejam desmoriados e balófos. O caminho é para a frente, visto que a burguesia lhes fornece escudos e honrarias, galões e autoridade, prestígio e immortalidade.

A fome, a miséria, a exploração desenfreada exercida nas oficinas, a tirania imposta pelos governos, o quadro terrificante dos operários mutilados na engrenagem das máquinas, os regulamentos vexatórios da dignidade humana engendrados pela classe patronal, industrial e comercial, enfim, as mil e uma infâmias cometidas dia a dia pelos representantes desta sociedade corrupta e podre, já-mais lhes arrancaram uma frase de reprovação. Como nunca sentiram as desgraças e os sofrimentos alheios, como sempre se viram rodeados de comodidades e luxos pouco se importam com a numerosa falange dos produtores de toda a riqueza social.

Os parlamentares pensam da mesma forma. Para eles o sofrimento é só para a canalha, para a *arraia muda*. Ficar estendido, de papo para o ar, nos campos sangrentos da batalha é uma bagatela de que nem vale a pena fa-

lar. Eles declararam a guerra, mas quem sofrerá todos os seus hurrores, todas as suas calamidades hão de ser os proletários, aqueles que durante a vida vivem no meio do martírio.

E' por isso que os deputados e os senadores foram tam prontos. Marchassem eles e só eles a dar combate ás hostes teutónicas e veríamos como as suas mirabolantes declamações seriam em sentido inverso. Mas como sabem que isso não se dava em regime capitalista, apressaram-se a mostrar-se fortes. O seu triunfo foi, pois, em toda a linha. Contudo, porque será que ficam de fora e mandam os «fracos» pr'a guerra?

Pelo mesmo motivo que o Cortesão entende que devem ir os outros, visto ele ser cá muito preciso para sustentar os seus ricos filhinhos, responde-nos um visinho aqui do lado.

E tem razão. Os valentes que votaram a guerra, os enérgicos que a aplaudem não lhe sofrem as consequências. Senão outro galo havia de cantar.

Mas eles consideram-se os «mais fortes», conquanto demonstrem com os seus gestos práticos que são... o que nós sabemos.

ALFREDO GUERRA.

UMA OPINIÃO

A justificar a participação de Portugal na guerra publicou a imprensa portuguesa, traduzidas do jornal *Rousska Viedomosti*, as seguintes palavras como sendo de Pedro Krapotkine:

«Por muito terríveis que sejam para a Rússia as consequências de uma improvável victoria da Alemanha, muito mais terrível a violência cometida contra a Bélgica. Todo o homem de coração que defende o progresso humano não saberá ter hesitações em lutar contra a Alemanha, cuja derrota é absolutamente necessária. Não é possível, mesmo, ficar-se neutro, porque nestas circunstancias a neutralidade equivale a uma cumplicidade.»

Não discutimos o direito internacional do autor putativo das palavras que como opinião autorizada, a imprensa publicou; e se nos insurgissemos contra o velho príncipe russo estaríamos em contradição manifesta com as nossas próprias ideias: contrariaríamos o princípio da máxima liberdade individual que para nós reivindicamos.

E', pois, sob um outro aspecto que vamos analisar, á face da razão, da lógica e do bom senso, as palavras que acima ficam transcritas, como abalizada opinião. Antes, porém, devemos advertir os mal intencionados, que combatemos a guerra e o militarismo pelo que em si consubstanciam e não por um mal contido ódio ás actuaes instituições: o conceito libertário difere em todas as suas formas e aspectos do de determinadas criaturas que combatem a intervenção de Portugal na conflagração europeia por conveniências interesseiras.

Poderíamos nós, anarquistas, ir de braço dado na campanha anti-guerreira com semelhantes criaturas? Não.

Na opinião de Krapotkine, todo o homem de coraçaõ que defende o progresso humano não deve ter hesitações em combater contra a Alemanha, cuja derrota é absolutamente necessária. Mas quem garante que o autor das *Palavras de um revolado* não é susceptível de errar?

Nós aspiramos ao aniquilamento do militarismo em geral e do alemão em especial por actualmente ser o mais forte, o mais belicoso, o mais sequioso de sangue e de gloria, cujo chefe supremo é o truanesco saltimbanco de Potsdam.

Eu, de facto, reconheço uma certa necessidade em esmagar, — e oxalá que seja para sempre! — a desenfreada investida da furia teutónica, reconheço igualmente que por traz do seu aniquilamento outro perigo surge talvez mais terrível e mais potente, mais bestial e mais sanguinario: o militarismo russo!

Os aliados que hoje se esforçam por reduzir a pouco mais de nada o imperialismo tedesco, talvez um dia tenham de se coligar

para deterem a marcha triunfal do militarismo que amadurece no outro lado do Vistula, ás ordens do *Paisinho* de Petrogrado; e Krapotkine, a quem consagramos uma admiração inextinguível, e cuja vida de sacrificio em prol da Humanidade é bem conhecida, não está, por esse facto, isento de errar na opinião formada. Admitindo, contudo, que não se equivoque, nem por isso nós deixamos os princípios ao abandono, nem a isso nos obriga a opinião emitida pelo autor illustre do *Auxílio mútuo*.

As ideias anti-militaristas e anti-guerreiras de Krapotkine estão bem vinculadas numa das suas melhores obras, *A grande Revolução*, que é para a politica em geral, o que outro livro seu, o *evangelho do anarquista*, *A conquista do Pão*, é para a economia politica. Todavia, dando de barato que Krapotkine haja revisto a sua obra fecundante de dezenas de annos purificada pelas perseguições e zarcas e dulcificada pela encerramento nas masmorras politicas, sim, supondo, *á priori*, que o príncipe russo haja «rectificado» o tiro, como o *fer* Gustavo Hervé, não quer isso significar que os anarquistas tenham obrigação moral de o seguir e de estar de accordo com a sua opinião de hoje.

Se tal fizessem abdicariam da sua liberdade individual, perderiam a sua personalidade para se tornarem pouco mais que uma coisa contrariando constantemente o seu próprio critério, actuando sob uma influencia estranha, seguindo um homem que teriam de equiparar a um *deus* de qualquer seita religiosa ou politica. Pensando e obrando por si mesmos, afirmam-se conscientes; e desempenhariam um papel ridiculo e degradante se se deixassem conduzir por um idolo, por um chefe, por um *leader* embora gosando de reputação mundial pelos seus dotes intellectuais.

Nos reputamos o acto de Krapotkine como um desvio (ignoramos se momentaneo se definitivo) das doutrinas que propagandou durante toda a sua vida de apostolo duma cruzada moderna; e á sua extranha resolução talvez não fosse indiferente o imminente perigo que, pela sua situação geográfica, a Rússia corre no caso de uma improvável victoria da Alemanha, o que para nós não é motivo de aniquilar os princípios que urge sustentar puros á custa de todos os sacrificios.

Internacionalistas, não nos arredamos um ápice do caminho traçado após um aturado estudo da questão social e madura reflexão sobre a inutilidade da guerra pelo seu lado pratico e abominavel se a encaramos, em qualquer dos seus aspectos, pelo lado sentimental e humanitario, o que impede de seguirmos e até de applaudirmos o gesto do velho anarquista.

O nosso ódio implacavel vai para a guerra, para aqueles que, com manejos secretos a provocaram, para os que dela beneficiam, para todos os militarismos que são o facho incendiário das novas catástrofes de amanhã. E não é de admirar que amanhã se veja esta coisa tétrica: a Inglaterra e a França de braço dado com a Alemanha para destruir o militarismo russo.

Em face de um cadaver ao abandono é lógico que o lobo esfomeado sinta ganhas de o tragar.

GIORDANO BRUNO.

Subscrição

em favor de Sebastião Eugénio

Destinadas a auxiliar este nosso estimado camarada, que se encontra em más condições economicas, foram-nos entregues mais as quantias que seguem:	
Transporte	4324
José Augusto Ferreira (Vidago)	550
J. Alves da Silva (Porto)	510
Eduardo Correa (Povoia de Varzim)	810
F. M. A. (Lisboa)	830
Nucleo Juventude Sindicalista de Barcelena	3550
Soma	8474

De novo lembramos aos camaradas que o possam fazer para não deixarem de contribuir com o seu esforço para esta obra de solidariedade.

Notas Rubras

Prostituição anunciada

Em ligeiros momentos de ociosidade e aborrecimento é vulgar entregar-me á extravagancia de ler alguns anúncios das gazetas quotidianas. E, francamente, não poderei dizer que desperdício todo o tempo que dedico a essa leitura.

Ainda há dias, — entre os corriqueiros anúncios de serviços que se oferecem e de prédios que se hipotecam; dos réclames a miraculozas tisanas e xaropes e a vários generos merceceirascos, — encontrei a seguinte proposta:

Senhora

Nova e de boa familia, vendo-se actualmente em má circumstancia, deseja encontrar pessoa de fortuna que a possa auxiliar.

A vista se darão todas as informações...

A'queles que não se dão ao trabalho de consagrar um pouco de attenção a determinadas coisas, esta informação, e muitas outras identicas, passou-lhes, é claro, mais que despercebida.

A mim, porém, essa noticia mergulhou-me demoradamente em profundas cogitações.

Naturalmente, se essa tal *senhora nova e de boa familia* adquirisse, por meio duma labuta honesta, (se é que nisso foi educada,) o indispensavel para viver desafogadamente, nunca tomaria a triste resolução de se oferecer a uma qualquer *pessoa de fortuna que a pudesse auxiliar*...

De certo escolheria um homem de quem gostasse, por quem sentisse alguma simpatia ou amor.

Assim, auferindo em qualquer mister produtor um ordenado mesquinho, prefere alugar-se, prostituir-se, para se libertar das suas *actuaes más circumstancias*...

E quantas como esta procedem de igual forma?

Fosse o trabalho melhor remunerado e menos suplicante e a vida não encerraria tantas desgraças e tragédias.

C. Rodrigues.

O clericalismo em França

Os clericais franceses, aproveitando a perturbação lançada nos espiritos pela monstruosa e calamitosa guerra e a desorganização momentanea das forças anticlericais, fazem uma activa propaganda, inundando as casas de orações imbecis e de folhas soltas. A este proposito, escreve F. Marie na *Bataille Syndicaliste*:

«Um provérbio diz: «Não ha fumaça sem fogo».

Há já varias semanas que sentimos fumaça. O vento traz-nos um cheiro, menos agradável que o do incenso, mas que nos parece porvir dos lugares onde ordinariamente se consome tal produto...

Em virtude de terem partido para a guerra, aos milhares, os homens que constituíam a força viva das ideias de progresso e libertação, acha-se peneirada e escolhida a população das cidades e dos campos. Pouco mais resta do que rapazes, cuja educação está por fazer; velhos, muitos dos quais tem o espirito impregnado dos prejuizos do passado; mulheres, que formam a maioria e cujos sentimentos instinctivos são abalados pelo desconhecido e pela ansiedade.

No meio desta situação, os partidos retrógrados podem respirar adeptos, explorando esse nível moral abaixado pela privação dos seus motores de pensamento e de acção. A imprensa de recuo nada afi á sua vontade. Conhecemos certos jornais que não queremos citar, de tendencia nitidamente reaccionaria, que viram a sua venda subir sem descanço. Poderíamos até indicar um que se espalha á razão de cerca de um milhão de exemplares mais do que antes da mo-

bilização geral. A isso podemos juntar que certos jornais religiosos de provincia tomam um desenvolvimento inesperado. E tudo isto, apesar da mobilização.

Em compensação, baixam a maior parte dos jornais republicanos e com mais forte razão os nossos jornais de vanguarda.

— E' um momento a passarl...
— Um momento a passarl...
Cuidado, não adormecemos!

A ocasião não é para isso. Faz-se um trabalho surdo. Certa propaganda, impotente em periodo normal, opera-se com maior exito neste tempo de tenebrosas intrigas.

A classe operaria compete não fechar os olhos, nem coser os lábios. Pelo seu órgão *La Bataille Syndicaliste* ela clama: Alerta!

O Deus de misericórdia mascarara a ousadia daqueles para quem a propaganda por persuasão está ligada ao golpe traiçoeiro que eles preparam na sombra.

Silêncio! Sim callem-se as potencias occultas de reacção. Para lhes impor silencio, deve o operariado mostrar-se; tem que mostrar os dentes! Para isso, tem a *Bataille syndicaliste*: sirva-se dela.

Auxílio á «A Aurora»

A comissão desta iniciativa continua recebendo mais listas e donativos que a seguir publicamos:

De Loulé, do nosso camarada, Manoel das Neves Alcariz, 850. De Lisboa do camarada Saraiva, «Quota mensal, 250. De Evora, do Nucleo Juventude Sindicalista: J. Antonio, J. Pedro, J. J. Candieira, M. Cabica, J. Madeira, J. S. Cebola, A. J. da Silva, J. Baltazar, J. M. Jardim, M. Silva, E. S. Diniz, F. Nunes, J. Marcelino E. das Dores, M. A. Siscoal, A. Pereira, J. Bernardino, A. J. Cavico, J. Joaquim, Anonimo, B. J. Ferreira, J. Cebola, A. Jacinto, A. Augusto, M. Jorge, J. Sebastião, J. Madeira, J. dos Pijões, R. José, A. Alberto, J. Antonio, L. Mateus, J. Antonio, M. Marques, C. Marques, J. Felgueiras, M. Rosmaninho, J. A. Carvalho, P. Ferreira, A. Marcelino, M. Carvalho, A. C. Carvalho, P. Peres, A. J. Diniz, D. I. Delim, D. Pereira, J. Ipolito, 1820. Item, produto duma subscrição a favor dos militares franceses, quando do movimento da lei dos 3 annos, e que agora oferecem a favor do jornal, 440. De Povoia de Varzim, Lista n.º 47, E. Correia, M. S. Machado, A. F. Nogueira, J. Nogueira, J. G. Britist, 1838. De Cartaxo, Lista n.º 81, Fernando S. Barreira, A. da Conceição, Henrique Santos, A. M. Cunha, J. M. S. Junior, J. P. de Pombo, E. F. Junior, J. Ferreira, J. D. Simão, A. C. Pereira, J. Mendes, 2810. De Anadia, Lista n.º 84, Um Libertario, um amigo do proletariado, um anonimo, um amigo do jornal, um amante da liberdade, um amigo do jornal, 3 Ferro Viarios Libertarios, 2614. — Soma . . . 8882 Transporte . . . 38855

Soma total . . . 47877

Coisas historicas

31-1910 — Por solidariedade com os mineiros de Huelva (Espanha) declarou-se a greve geral.

24-1911 — Em Modena (Italia) realizou-se a primeira sessão dum congresso sindicalista.

25-1859 — O grande astrónomo Fabeleto descobre as manchas do sol.

26-1911 — O governo expulsa de Lisboa duas curandeiras chinesas; este decreto dá origem a vários tumultos, do que resultam mortos e feridos.

27-1884 — Sai em Bruxelas (Bélgica) o primeiro número de *A Sociedade Nova*, semanário anarquista.

28-1871 — São fusilados Rosel, Ferri e Burgeois, membros da Comuna de Paris.

29-1848 — Filipe de Valois, rei de França, manda cortar a cabeça a 15 barões, por suspellar, infundadamente, que eles se haviam vendido aos ingleses...